

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: PSICOTERAPIA DE GRUPO COM ADOLESCENTES SURDOS EM UMA ESCOLA INCLUSIVA

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: PSICOLOGIA

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

AUTOR(ES): RAISSA SIQUEIRA TOSTES

ORIENTADOR(ES): FABIANE DANIELA BARBONI

Realização:



Apoio:



1. RESUMO

A psicoterapia de grupo é um método para tratar as relações interpessoais e os problemas psíquicos e sociais dos indivíduos de um grupo e viabiliza que um paciente possa ser agente terapêutico do outro, de modo que através do desempenho de papéis na ação cênica, no caso do psicodrama, o sujeito desenvolva sua espontaneidade e criatividade e capacite-se a realizar mudanças e transformações de sua vida real, no relacionamento com os outros e na sua vida comunitária. O presente trabalho apresenta os resultados de um trabalho de 12 sessões de psicoterapia psicodramática de grupo realizado com três adolescentes surdos do ensino médio de uma escola estadual em Ribeirão Preto, conduzido por uma estagiária surda da nona etapa do curso de Psicologia, sob a supervisão de uma docente da Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP. O presente trabalho objetivou capacitar os adolescentes para refletir e discutir temas emergentes envolvendo dificuldades e necessidades pessoais, em seus relacionamentos e na vida cotidiana, de forma a lidarem assertivamente com as mesmas transformando aspectos insatisfatórios. Os pacientes tiveram a oportunidade de livre expressão e troca de experiências no grupo, e, através da psicoterapia foram auxiliados a ampliarem o autoconhecimento e consciência sobre seus limites, dificuldades e problemas, bem como aprimoraram sua capacidade de resolvê-los de forma mais espontânea, criativa, flexível e adaptada ao que as situações requirem. Também trabalharam habilidades de comunicação, tanto com pessoas ouvintes como não ouvintes, e vivenciaram melhoras nos relacionamentos interpessoais.

2. INTRODUÇÃO

Chama-se pessoa surda (o) àquela que é portadora de surdez e que possui uma identidade, uma cultura, uma história e uma língua. Segundo Sacks (1998), cerca de 95% das crianças surdas nascem de pais ouvintes, o que lhes confere uma condição de “estrangeirada da língua materna”. Em meados dos anos setenta, emergiu uma nova forma de encarar a surdez, que encara o surdo como pertencendo a uma comunidade linguística minoritária, pelo fato de usar uma língua distinta da maioria ouvinte. Estudiosos há que acreditam que "o problema dos surdos não é a surdez, mas as representações dominantes". Assim, a concepção antropológica defende como um de seus objetivos primários garantir o acesso dos surdos à língua de sinais, a sua língua de aquisição natural.

A principal consequência da surdez refere-se aos prejuízos na comunicação natural dos sujeitos surdos que atingem vários aspectos de seu desenvolvimento global. Não tendo acesso ao mundo sonoro, a criança com surdez é extremamente prejudicada no que concerne aos processos de aquisição e desenvolvimento de linguagem e da fala, o que acarreta a dificuldade de se comunicar e de receber informações através da linguagem oral. (POKER, 2002)

A barreira na comunicação com a maioria de ouvintes vulnerabiliza o surdo, colocando-o frente às suas limitações e modificando as relações sociais estabelecidas. Nesta perspectiva, as práticas grupais têm contribuído para o cuidado da pessoa com surdez, possibilitando a vivência de aspectos internos na relação com o outro em um espaço protegido.

A psicoterapia de grupo aborda pontos positivos da relação humana, partilhando experiências e desenvolvendo capacidades para enfrentar problemas, aumentando a auto-confiança.

Moreno (1974) afirma que a verdadeira psicoterapia de grupo consiste de sessões terapêuticas nas quais três ou mais pessoas que tomam parte esforçam-se para resolver problemas comuns. O grupo precisa não só de um cenário abstrato, mas de um espaço concreto no qual as interações entre os pacientes se possam realizar livremente.

Na psicoterapia de grupo os pacientes podem tomar a função de terapeutas auxiliares. Segundo Moreno (1974), um paciente é um agente terapêutico dos outros. Um grupo é um agente terapêutico para outros grupos. A essa influência mútua se denomina de *princípio da interação terapêutica*, no qual a independência dos indivíduos participantes não se dissolve. Moreno também fala sobre o *princípio da espontaneidade* que se refere à participação livre e sem entraves de todos os membros do grupo, podendo o grupo produzir espontaneamente, o que é importante terapeuticamente. E uma transformação essencial da sessão individual para a grupal consistiu no caráter dinâmico e imediato da interação, que no grupo, apresenta todas as características de uma *prova de realidade*. O paciente é confrontado com pessoas e situações reais de sua vida e também com as de outros indivíduos.

A tarefa do psicoterapeuta consiste em conduzir o grupo doente, de um nível inferior a um nível superior de coesão. O problema não consiste simplesmente em encarar a alternativa da supressão do inadaptado ou a sobrevivência do adaptado,

mas em promover a sobrevivência de uma personalidade flexível e espontânea: a personalidade do criador. (MARTIN, 1984).

O psicodrama coloca o paciente num palco onde ele pode exteriorizar os seus problemas com a ajuda de alguns atores terapêuticos. É um método de diagnóstico, assim como de tratamento. Pode ser adaptado a todo e qualquer tipo de problema, pessoal ou de grupos, de crianças ou adultos. É aplicável a todos os níveis de idade. Mediante o seu uso, é possível chegar perto das soluções de problemas da infância, assim como dos mais profundos conflitos psíquicos. Através de técnicas como as do ego auxiliar, da improvisação espontânea, do solilóquio, da interpolação de resistência, revelam-se novas dimensões da mente e, o que é mais importante, elas podem ser exploradas em condições experimentais. (MORENO, 1993).

Todos os membros do grupo possuem o mesmo status, uma vez que são de início todos pacientes. No curso do tratamento entram em relação estreita uns com os outros. Esses contatos baseados na realidade são as “relações de tele”. Tele é aquilo que mantém o grupo e faz surgir a sua coesão, ela envolve uma forma de percepção interna mútua e verdadeira entre os indivíduos. Para Moreno (1974) a transferência psicanalítica é considerada como um desvio patológico da tele e é expressão de dissociação e de perturbações do equilíbrio do grupo.

3. OBJETIVOS

O objetivo da psicoterapia grupal desenvolvida com jovens surdos foi favorecer a troca de experiências, a reflexão e a discussão dos temas e demandas trazidos pelos participantes, aumentando as possibilidades de que novas atitudes e práticas sejam adotadas, a fim de torná-los mais capacitados para enfrentar as dificuldades e necessidades em seus relacionamentos e na vida cotidiana, de forma a lidarem assertivamente com as mesmas transformando aspectos insatisfatórios.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho refere-se à prática de um estágio curricular supervisionado em psicoterapia de grupo na abordagem do Psicodrama desenvolvido por uma aluna surda da nona etapa do Curso de Psicologia da Universidade de Ribeirão Preto.

Foram entrevistados individualmente quatro alunos surdos de Ensino Médio com conhecimento da língua de sinais, com idade entre 15 e 17 anos, convidados a

participarem do grupo psicoterápico, mas apenas três aderiram, sendo dois do sexo feminino e um do masculino. Todos são alunos de uma escola estadual em Ribeirão Preto que atende do sétimo ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. Trata-se de uma escola inclusiva que atende alunos surdos e oferece intérpretes de LIBRAS para traduzir a fala de professores, além aulas de três vezes por semana no Atendimento Educacional Especializado (AEE) aos alunos surdos e àqueles que têm dificuldades de aprendizagem, em conformidade com legislação do Ministério da Educação, o que ocorre no contra turno da aula regular.

A presente psicoterapia de grupo ocorreu na sala de AEE e o trabalho foi realizado no período de fevereiro a junho de 2015 com duração de uma hora e meia de encontro por semana ao longo de doze semanas.

5. DESENVOLVIMENTO

A indicação dos pacientes foi feita por uma professora de Atendimento Educacional Especializado – AEE, a qual forneceu breves informações sobre os alunos. Os quatro alunos surdos indicados passaram por entrevista individual de anamnese psicológica para colher dados sobre sua história de vida e possíveis queixas ou demandas para a psicoterapia. Essas entrevistas foram realizadas em dois dias, sendo apresentados aos entrevistados os objetivos do estágio, o compromisso de sigilo e quantidade de faltas limitadas permitida.

Foram realizadas doze sessões de psicoterapia de grupo com três participantes, pois a quarta paciente foi desligada do grupo devido às três faltas sem justificativa nos três primeiros encontros. Para o desenvolvimento de sessões, fez-se um levantamento junto ao grupo de temas de interesses e/ou demandas dos participantes, temas estes desenvolvidos ao longo das sessões grupais. Além disso, também houve espaço livre para trabalhar demandas emergentes trazidas pelos membros do grupo ao longo dos encontros e que não foram sugeridas inicialmente.

De modo geral as sessões têm um primeiro momento de acolhida, rapport e retomada da sessão anterior com os pacientes, correspondendo ao aquecimento inespecífico, em seguida é feito um aquecimento específico voltado para um tema protagônico ou um protagonista que emerge na própria sessão. Depois há o desenvolvimento da temática já levantada previamente ou de uma demanda emergente de um paciente ou do grupo todo, sendo realizada em algumas sessões uma dramatização para trabalhá-la e, na terceira e última etapa da sessão, a

terapeuta diretora abre espaço para os pacientes comentarem sobre aspectos trabalhados na sessão e complementa com os seus próprios comentários e análise.

6. RESULTADOS

A seguir serão apresentados e discutidos dos dados referentes ao trabalho realizado ao longo dos encontros, procurando descrever de modo geral o que se constatou sobre o processo grupal e aspectos particulares relevantes referentes aos participantes atendidos.

Na primeira sessão de psicoterapia de grupo emergiu um tema envolvendo dificuldades que os pacientes surdos enfrentaram com uma intérprete de Libras, as quais levaram uma das pacientes a tomar uma atitude precipitada de fazer uma denúncia contra a intérprete junto à Secretária de Educação. Tal situação foi trazida do contexto social (correspondente ao extragrupo, à chamada “realidade social” de onde os pacientes trazem vivências e conteúdos a serem trabalhados nas sessões) e relatada no contexto grupal (do grupo psicoterápico) evidenciando um conflito entre a paciente que fez a denúncia (identificada aqui como P.1) e outra paciente, também do sexo feminino, P.2. Nesta sessão o contexto grupal (que possibilita maior liberdade, tolerância e compreensão, dadas as finalidades terapêuticas) incorporou o dramático (relativo a uma dramatização), de modo que houve espaço para cada membro do grupo falar das dificuldades reais enfrentadas no contexto social da escola, apresentar seus posicionamentos, argumentos e refletir sobre suas atitudes, bem como fatores associados às mesmas e conseqüências de seus atos.

Especificamente no caso de P.1 evidenciou-se sua atitude como impulsiva e inadequada para resolver a situação, gerando outros problemas dentro do contexto escolar. Inclusive P.1 e P.2 trocaram de sala para que P.1 não tivesse contato com a intérprete da qual se queixou. Já o paciente do sexo masculino P.3 não enfrentou diretamente seu problema com a intérprete, preferindo mudar para o fundo da sala para se sentar ao lado de seu irmão gêmeo, que o auxiliava atuando como o intérprete no lugar da profissional. Durante a sessão P1. teve um *insight* por meio de uma catarse de integração, identificando que por traz de sua tentativa de solucionar o problema estava o fato de ter que se virar sozinha para resolver suas demandas devido à sua história de falta de apoio familiar. Então P.2 sugeriu que recorresse ao atendimento psicológico para ter apoio e desenvolver formas mais adequadas de lidar com o conflito familiar.

No segundo encontro a temática da sessão anterior envolvendo dificuldades vivenciadas junto à intérprete de Libras reapareceu agora trazida por P.3, o qual se viu “abandonado” durante a realização de uma prova. O grupo ofereceu espaço de escuta e reflexão sobre seus sentimentos e a situação vivenciada. Destacou-se seu sentimento de desespero e ao mesmo tempo raiva pelo fato da intérprete ter ignorado-o e ajudar outra aluna surda. Com o auxílio de P.2, que lhe serviu de agente terapêutico, foi possível ponderar que a falta de auxílio da profissional na prova era decorrente dela não ter recebido atenção de P.3 durante aulas, desde que ele havia se mudado para fundo da sala de aula, recorrendo ao seu irmão gêmeo. Desta forma P.3 mantinha um padrão de conduta conservado (conserva cultural) junto ao irmão, ao invés de utilizar-se de recursos espontâneos e criativos para lidar de forma adequada com a situação nova envolvendo a intérprete em libras.

Neste encontro também foi trabalhado com o grupo o estabelecimento do *setting* e a construção coletiva do contrato terapêutico, de modo que os três pacientes interagiram entre si e se complementaram na criação das normas e regras particulares que regeriam as interações e o trabalho grupal.

No terceiro encontro, o contrato grupal que não ficou pronto na sessão anterior foi continuado e terminado no início da sessão. E num segundo momento, a terapeuta estagiária desenvolveu com o grupo a proposta de criação/sugestão de temas que os participantes gostariam que fossem trabalhados ao longo do semestre. Os três participantes interagiram de forma participativa, colaborativa e respeitosa na sugestão dos temas e breve explicação/discussão sobre aspectos que poderiam ser explorados dentro de cada tema. Os temas sugeridos e discutidos foram: família, barreiras que a pessoa surda enfrenta no dia a dia (como comunicação, falta de intérpretes na escola e em locais públicos), sustentabilidade, desenvolvimento de consciência e responsabilidade em diversos momentos e lugares e bullying.

No quarto encontro, o grupo ainda trabalhou dificuldades emergentes envolvendo o relacionamento e trabalho desenvolvido por intérpretes em contexto escolar, bem como o relacionamento e respaldo ou não oferecido pela direção da escola, destacando-se a importância dos jovens agirem com sinceridade e autenticidade quanto aos seus sentimentos e pensamentos.

O foco de trabalho nesta sessão foi sobre a temática da surdez, e, a partir do símbolo de deficiência auditiva, foi possível os pacientes interagirem de forma complementar e trocarem conhecimentos, experiências e realizarem uma reflexão e

discussão em torno de: barreiras na comunicação; limitações reais ou decorrentes de receios por parte de familiares ou outras pessoas; conflitos e dificuldades vivenciadas com ouvintes em contextos diversos como em casa, em lojas, bancos, supermercado, etc.; liberdade e direitos que as pessoas surdas têm. A tarefa do psicoterapeuta de consistir em conduzir o grupo doente, de um nível inferior a um nível superior de coesão pode ser desenvolvida nesta sessão.

Na quinta sessão foi retomado o tema da sessão anterior para o paciente P.3, que havia faltado, abordando estratégias de o que fazer ao deparar-se com ouvintes desconhecidos nas lojas, bancos, entre outros contextos. Como a realidade vivida por P.3 é de acomodar-se à condição de ter um irmão gêmeo próximo que geralmente resolvia diversas situações para ele. O grupo, a convite da psicoterapeuta, foi aquecido e dramatizou uma situação pública cotidiana em um supermercado que permitiu a P.3, como protagonista das cenas, trabalhar seus sentimentos despertados e exercitar estratégias de como lidar com dificuldades de comunicação e interação com pessoas ouvintes. Desta forma, P.3 pôde conscientizar-se da importância atual e futura de desenvolver maior autonomia e independência em sua vida e as tensões intrapsíquicas do protagonista puderam ser amenizadas.

As outras duas pacientes (P.1 e P.2) puderam como egos auxiliares colaborar com o protagonista exercendo as funções de atriz, agente terapêutico e de observadora social durante a dramatização e contribuíram muito com seus comentários e análise sobre os conteúdos e o que se processou na sessão. O psicodrama coloca o paciente num cenário, no qual pode exteriorizar seus problemas com a ajuda de alguns atores terapêuticos. É tanto um método de diagnóstico como de tratamento. (MARTIN, 1984).

O sexto encontro foi marcado inicialmente pelo relato de mudanças do paciente P.3 como: fazer a prova como outros alunos surdos de sua classe, em sala separada contando com ou auxílio da profissional intérprete e não de seu irmão; e ter mudado de lugar em sala de aula, passando a sentar-se na frente comportando-se adequadamente na busca de suporte por parte da intérprete durante as aulas.

Foram trabalhadas por meio de dramatizações as demandas trazidas pelos membros do grupo (P.1 e P.2) referentes à como lidar com o comportamento de uma intérprete, considerada “curiosa” por não respeitar a privacidade de outros e querer saber ou se intrometer em assuntos dialogados entre as pessoas surdas em

situações externas à sala de aula. Através da aplicação de técnicas do psicodrama em cenas sucessivas que foram montadas, os pacientes puderam ser auxiliados a trabalhar seus sentimentos e explorar em contexto psicoterápico formas alternativas de enfrentamento das situações problemas expostas.

No sétimo encontro, foi continuada a discussão da sessão anterior acerca da falta de privacidade. No início do encontro, a terapeuta estagiária retomou junto ao grupo o que fora desenvolvido durante a sessão passada e quais soluções cada um tinha adotado. Foram feitos questionamentos que propiciaram um aprofundamento nas reflexões sobre as atitudes que comumente cada paciente adota (suas crenças culturais), sobre o que revelaram no contexto dramático e o que poderia ser feito de modo a alcançar um resultado desejado, eficaz, mantendo-se o respeito na relação com o outro. Os membros do grupo iniciaram uma discussão acerca disso, aos poucos, foi desenvolvida para outros pontos: trabalho de intérprete, código de ética deste profissional, a história do surdo.

A realidade é mutável e se a espontaneidade deve ser adequação à realidade, também deve ser dinâmica, pois se se desajusta dessa realidade, adocece. Uma condição saudável e de normalidade exige ser-se suficientemente espontâneo para criar uma conduta flexível adequada às inevitáveis mudanças da vida, capaz de superar o apego às crenças culturais.

No oitavo encontro, P.1 não compareceu e a estagiária propôs ao grupo uma sessão livre, a qual transcorreu tranquilamente, sendo abordados assuntos envolvendo a realidade escolar: alunos pulam o muro da escola para matar aula, diferença de posturas assumidas por alunos em escolas diferentes em que os pacientes estudaram e experiência de terem conhecido um site de jogos educativos em matemática. A partir deste último tema, P.2. e P.3. relataram experiências diferentes no relacionamento com os irmãos envolvendo o uso de computador, sendo discutido a importância do diálogo e o estabelecimento de acordos a serem respeitados de modo a garantir uma convivência fraterna sem brigas.

Na nona sessão, P.1 trouxe ao grupo a necessidade da mudança de horário de psicoterapia de grupo devido a diversos motivos pessoais. P.2 e P.3 se mobilizaram para ajudá-la avaliando a possibilidade de outros horários, mas não foi possível chegar a um acordo. O grupo também conversou sobre rotinas de estudo e de atividades semanais. Uma mudança importante a ser destacada nesta sessão é que, no início da psicoterapia de grupo, P.2. apresentava comportamento de agradar

os outros com medo de decepcioná-los, mesmo que se sentisse prejudicada ou insatisfeita, e agora, ao lidar com uma demanda de outra pessoa, mostrou-se disposta a tentar ajudar, revelando flexibilidade, porém sem prejudicar a si mesma para agradar o outro.

No 10º e 11º encontro, foi realizada a dinâmica com a técnica de construção de “escultura familiar” e os participantes foram orientados que cada um na sua vez deveria trabalhar como um escultor enquanto os outros participantes atuariam como estátuas moldadas pelo escultor, de modo que as pessoas e os vínculos familiares pudessem ser retratados. Foi trabalhada uma escultura de cada vez no contexto dramático, sendo realizado o aquecimento específico com o protagonista (na preparação de materiais, local e personagens), e a psicoterapeuta fez intervenções usando técnicas psicodramáticas como a inversão de papéis, técnica de entrevista, entre outras, de modo a pesquisar mais as relações familiares, os conflitos e as necessidades existentes. Ao final de cada sessão o grupo, junto com a terapeuta, fez seus comentários analisando cada situação retratada. P.1 pode externar seus sentimentos e dificuldades vivenciadas na relação com o padrasto, P.2 percebeu a necessidade de resolver sozinha problemas ou dificuldades com seu irmão sem chamar os pais para intervir, e P.3 conscientizou-se sobre a dependência que tem do seu irmão, suas conseqüências e a necessidade de superá-la.

No décimo e segundo encontro foi desenvolvido uma atividade tanto de retrospectiva do que fora trabalhado ao longo dos encontros, quanto de auto avaliação e de feedback sobre a evolução de cada um com o trabalho realizado. Dentre os aspectos gerais referidos pelos pacientes destacaram-se: perceber-se uma pessoa cada vez melhor ao longo de encontros; aprendizados quanto a utilizar estratégias elaboradas pelo grupo de enfrentamento e soluções das demandas do cotidiano em situações variadas; a importância de ser sincero com os outros e expressar o que sentem; melhoras nos relacionamentos com irmãos, amigos ou intérprete de Libras; desenvolvimento de apoio mútuo entre eles, o que se estendeu para situações externas ao grupo; reconhecimento de erros cometidos e encorajamento para desculpar-se junto a pessoas com quem tenham falhado; busca de controle dos impulsos e emoções antes de agir; aprendizados em torno de aspectos envolvendo a surdez, acessibilidade, direitos da pessoa com surdez, o trabalho do intérprete e aspectos éticos do mesmo; sentimentos de ter tornado-se uma pessoa mais segura sobre quem é e o que deve fazer.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua teoria Moreno (1974) refere-se ao Psicodrama como método terapêutico que sonda a fundo a verdade da alma mediante a ação. Ele destaca a importância dos pacientes utilizarem os recursos espontâneos e criativos para lidarem de forma transformadora e adequada com os aspectos insatisfatórios de suas vidas, o que pode, no caso, ser vivido pelos pacientes que usufruíram do trabalho realizado.

No início de psicoterapia de grupo, cada participante surdo apresentava demandas próprias, que durante encontros, puderam ser trabalhadas de modo a se explicitarem de forma clara e consciente. A psicoterapia psicodramática grupal auxiliou os pacientes a reconhecerem as próprias necessidades, sentimentos, impulsos e comportamentos, os quais puderam ser expressos e refletidos de forma espontânea e livre. Isso foi fundamental para promoção de formas novas e criativas de enfrentamento e resolução das situações de dificuldade e problemas vividos, minimizando o isolamento social e desenvolvendo recursos de apoio mútuo a partir da interação terapêutica e da tele relação que se estabeleceu entre os integrantes do grupo e a psicoterapeuta estagiária. Foi nítida a melhora que ocorreu nas habilidades de comunicação e nos relacionamentos interpessoais. Assim sendo, pode-se dizer que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados.

8. FONTES CONSULTADAS

MARTIN, E. G. **Psicologia do Encontro**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1984.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. 9ª ed. São Paulo. Cultrix, 1993.

MORENO, J. L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. São Paulo, Mestre Jou, 1974.

POKER, R. B. **Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas**: uma proposta de intervenção educacional. Tese de doutorado. UNESP – Marília, 2002.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.